



Linhas Críticas

ISSN: 1516-4896

rvlinhas@unb.br

Universidade de Brasília

Brasil

Trevisan, Amarildo Luiz; Dutra Rossatto, Noeli
REIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO: REFLEXÕES PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO
Linhas Críticas, vol. 16, núm. 31, julio-diciembre, 2010, pp. 275-286
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193517492005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REIFICAÇÃO E RECONHECIMENTO: REFLEXÕES PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Amarildo Luiz Trevisan*

Noeli Dutra Rossatto**

Resumo

Neste artigo, propomos desvendar o “reconhecimento prévio do outro” como uma condição não-epistêmica fundamental das pesquisas em educação, evitando certos problemas ocasionados pela reificação, isto é, a atitude de não reconhecer o saber da alteridade. Percebemos, a partir das reflexões de Axel Honneth, a existência de uma instância fundamental: subjacente à perspectiva do conhecimento existe uma condição não-epistêmica que pode se orientar pelos motivos dos outros. Trata-se de uma proposta que foge, portanto, da disputa entre diferentes perspectivas epistemológicas e da polarização ou da contraposição entre elementos subjetivos e objetivos, ambos reificados. Assumir a postura de reconhecimento do outro implica, enfim, o reconhecimento de sua alteridade por intermédio da sua vivência em plenitude. Nesse aspecto, a teoria de Honneth vem preencher uma lacuna no acontecer das pesquisas educacionais, pois até poderíamos arriscar dizer que, sem este acolhimento do outro, qualquer iniciativa estaria sujeita a recair nas malhas da reificação.

Palavras-chave: Reificação. Reconhecimento. Axel Honneth. Pesquisa educacional.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 1992). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2000). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Professor Associado da UFSM, atuando na área de Filosofia da Educação. Autor dos livros: *Filosofia da Educação: Mimesis e Razão Comunicativa* (Edunijui, 2000); *Pedagogia das Imagens Culturais: da Formação Cultural à Formação da Opinião Pública* (Edunijui, 2002) e *Terapia de Atlas: Pedagogia e Formação Docente na Pós-Modernidade* (Edunisc, 2004) (amarildolui@terra.com.br).

** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 1991). Doutor em Filosofia pela Universidade de Barcelona, Espanha (2000). Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFSM. Autor dos livros: *O Simbolismo das Festas do Divino* (Facos/Fapergs, 2003); *Ética e Justiça* (Pallotti, 2003); *Joaquim de Fiore: Trindade e Nova Era* (Edipucrs, 2004) (rossatto.dutra@gmail.com).

1. Introdução

Em *A Cultura do Dinheiro* (capítulo *A transformação da imagem na pós-modernidade*), Frederic Jameson apresenta três momentos de uma teoria da reificação pelo olhar. O primeiro momento diz respeito a J.-P. Sartre e é caracterizado a partir da dialética hegeliana do senhor e do escravo, lida sob a ótica de Kojév, como um olhar assimétrico que de fora, tal qual a mitológica Medusa, tudo petrifica ou transforma em coisa. O segundo vem de M. Foucault: é o olhar burocrático e impessoal de um sujeito ausente que tudo vê, vigia, disciplina e pune sem nunca ser visto (prisões, manicômios, escolas). Por fim, em terceiro, tem-se o olhar pós-moderno da chamada “sociedade do espetáculo”, em que, segundo G. Debord, a imagem é reificada sob a forma de mercadoria.

O mesmo Jameson, em outro estudo, intitulado *Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo*, já apontava para algumas formas em que as vivências pessoais são transformadas em imagens coisificadas. Ele dava três exemplos emblemáticos. Primeiro, o do turista que não mais desfruta a paisagem, mas só tira fotos e mais fotos para dela se apoderar e transformar o espaço contemplado em imagem material. Sua sugestão é a de ver o filme *Les Carabiniers*, de Godard (1962-1963), em que os novos conquistadores, ao invés de mostrarem os espólios de guerra como antigamente (ouro, escravos), exibem imagens em cartões-postais com as Pirâmides, o Coliseu ou Wall Street. Em segundo, tem-se a sexualização dos objetos. Não consumimos mais a coisa em si, mas uma idéia abstrata da mesma. O novo carro da moda é uma imagem que as outras pessoas devem ter de nós. Servem ainda como exemplo algumas propagandas de cerveja veiculadas recentemente, em que o personagem segura a garrafa com desejo em lugar da linda mulher deixada de lado. Por último, ocorre um tipo de instrumentalização da cultura em que os livros já não são comprados e lidos na íntegra pelo seu conteúdo, mas são consumidos pelo “fim”: o grosso maço de páginas é apenas um “meio” para consumir um “fim” rápido, “uma solução” fácil. O resto da obra é “degradado” em vista de um “fim reificado”. Na televisão, os produtos veiculados têm de ser programados por pequenos intervalos, em meio aos quais se tem uma nova gratificação para que possam vir a ser consumidos com sucesso.

Entretanto, apesar de ser abrangente, a abordagem de Jameson não esgota os múltiplos sentidos da reificação, uma vez que este tema, aliado à questão do reconhecimento, torna-se base de um novo enfoque proposto por Axel Honneth (2007; 2008). A reificação vem caracterizada aí como a transformação do humano em coisa, não apenas mediante o olhar objetivante ou a imagem objetivada, mas através da gradativa perda da capacidade de reconhecer o

humano como tal. Sendo assim, uma questão básica se impõe: como ocorre a perda da conduta humana se ela constitui originalmente o próprio homem/mulher? Tendo presente a busca de resposta a essa questão, encaminhamos a discussão no presente texto de acordo com dois temas subsidiários: o das atitudes cognitivas que delatam a perda da capacidade de apoiar-se num prévio reconhecimento e o das patologias que decorrem do comportamento reificado. Por fim, apresentamos algumas implicações da teoria da reificação e da teoria do reconhecimento para o universo das pesquisas educacionais, entre elas, a da perda da atenção, a da consciência seletiva e a de seu engessamento na perspectiva epistemológica ou de conhecimento do problema apenas. Cremos, com isso, ser possível apresentar um horizonte mais ampliado de compreensão de alguns dualismos ainda reinantes no campo das pesquisas em educação.

2. Reificação e reconhecimento em Honneth

A tese central de Honneth, apresentada ao longo de *Reificação. Um Estudo na Teoria do Reconhecimento*, é a de que a reificação é o esquecimento do reconhecimento. O esquecimento (a amnésia) é constituído na chave de uma nova definição deste conceito, “na medida em que em nossa execução do conhecimento perdemos a capacidade de sentir que este se deva à adoção de uma postura de reconhecimento, desenvolveremos a tendência a perceber aos demais homens simplesmente como objetos insensíveis” (HONNETH, 2007, p. 93-94).

Em um primeiro momento, é visível que o autor pretende retomar o conceito de reificação desenvolvido por G. Lukács, em *História e Consciência de Classe*. Porém, a idéia de *esquecimento* e o lugar ocupado pelo termo reconhecimento em sua proposta remetem diretamente para a fenomenologia hermenêutica de M. Heidegger. O próprio autor faz a correspondência análoga entre o conceito de *práxis de implicação*, sugerido por Lukács, em contraponto ao conceito de reificação, e o conceito heideggeriano de *cuidado* (*Sorge*). Além disso, vai equiparar essas categorias provenientes de diferentes matrizes teóricas ao conceito de “envolvimento” de J. Dewey. É assim que a noção hegeliana de reconhecimento terá a mesma função, segundo ele, que o conceito de cuidado e de práxis de implicação ao tratar da reificação. Em decorrência desse enfoque fenomenológico-hermenêutico, a categoria de reificação é deslocada a uma esfera pré-categorial, pré-cognitiva ou ontológica, antecedendo o momento em que se processa o conhecimento propriamente dito.

De igual modo, o reconhecimento, ainda que derivado da dialética hegeliana do senhor e do escravo, já não mais estará pensado no sentido da luta

de vida e morte entre um dominador e um dominado. Por reconhecimento, de modo distinto, o autor quer indicar uma prévia atitude de aceitação de determinadas qualidades ou capacidades de outras pessoas e de si próprio. Afirma a tese de que na relação do homem consigo mesmo e com o mundo há uma postura de apoio, de reconhecimento, que precede tanto genética, quanto categorialmente, todas as outras atitudes (HONNETH, 2007, p. 51), e consequentemente tem de decorrer de seu esquecimento a pretensa atitude objetivante de apreensão neutra da realidade.

Em um artigo posterior intitulado *Observações sobre a reificação*, Honneth vai ser mais claro ao sugerir que a sua intenção, com a recuperação do conceito de reconhecimento, é “chamar a atenção para o caráter não-epistêmico dessa forma de reconhecimento [...] postura na qual podemos reconhecer nele o outro de nós mesmos, o próximo” (HONNETH, 2008, p. 72). Para Honneth, a proposta do reconhecimento residirá num campo prévio subjacente ao plano epistêmico. E assim conclui: “eu pretendia mostrar que nós só podemos assumir a perspectiva do outro depois que previamente reconhecemos no outro uma intencionalidade que nos é familiar” (HONNETH, 2008)

Por isso, em Honneth a reificação se caracteriza pelo comportamento que entende as circunstâncias de forma atrofiada ou distorcida, em vista do esquecimento de uma práxis mais original na qual o homem adotaria uma relação de implicação com respeito a si mesmo, aos outros e aos objetos em geral (HONNETH, 2007, p. 35). Ao contrário, a conduta de implicação ou reconhecimento precede tanto a apreensão neutra da realidade quanto a pretensão da postura meramente participativa.

Para Lukács, o fenômeno da reificação ocorre em três dimensões, a saber: a) *na troca de mercadorias*, os sujeitos se veem reciprocamente forçados a perceber os objetos como coisas potencialmente lucrativas; b) *nas interações sociais*, os sujeitos veem o parceiro da interação social como objeto de uma transação rentável; e c) *no nível individual*, os sujeitos consideram as faculdades e qualidades pessoais apenas como recursos objetivos para a obtenção de lucro.

Cabe sublinhar aqui a pergunta feita pelo próprio Honneth: como se pode formular na atualidade um conceito de reificação que dê conta das intuições originais de Lukács em um grau máximo? (HONNETH, 2007, p. 84). Do ponto de vista deste último, a resposta é bem simples, pois as três atitudes elencadas acima possuem uma característica em comum: a reificação acaba sendo uma *segunda natureza*. Ela funciona como uma espécie de capa de dessensibilização para que o indivíduo não sinta compaixão pelo outro, levando-o, assim, à perda da atitude original com ele e seu entorno social. Porém, essa categoria nas mãos de Honneth deixa de ter seu eixo ligado em um primeiro plano – e de forma exclusiva – ao econômico, e passa a evocar mais propria-

mente um tipo de hábito de pensamento, uma perspectiva petrificada, em virtude da qual as pessoas perdem sua capacidade de implicar-se com interesse pelos outros, para consigo mesmo e para com o mundo circundante (HONNETH, 2007). E, devido a isso, se transformam em *observadores passivos* que não fazem mais que contemplar com indiferença não só o seu entorno social e físico, mas também a si mesmos. A própria vida interior se torna uma entidade coisificada, ou melhor, deixa de haver vida interior propriamente dita.

Honneth quer levar adiante, portanto, esta discussão, indicando a necessidade de romper com a identificação entre reificação e objetificação – de Lukács, mas também comum a Sartre –, pois ela não deixa ver com clareza a questão, afinal, “se todos os processos sociais estão reificados só porque impõem atitudes objetivadoras, então a sociabilidade humana finalmente se dissolve” (HONNETH, 2007, p. 88). E, ao invés de continuar com o esquema de Lukács, que polariza subjetivo e objetivo ao caracterizar tal atitude, Honneth sugere um distinto modo de relacionar os âmbitos do reconhecimento e do conhecimento: para as formas sensíveis ao reconhecimento do conhecimento, por um lado, devem corresponder, de outro, as formas do conhecimento nas quais se perdeu a capacidade de perceber sua origem no reconhecimento prévio (HONNETH, 2007, p. 91).

Ora, se a reificação é a negação ou esquecimento do reconhecimento, seria de se presumir então que ela opera implicada com os diversos graus de acolhimento do outro. Em *Luta por Reconhecimento: a Gramática Moral dos Conflitos Sociais*, baseado em sua interpretação de Hegel, Honneth define que o ser humano desenvolve expectativas de reconhecimento recíproco em três esferas diferentes, cuja negação corresponderia a experiências patológicas. Na forma primeira, a do amor, situada na dimensão emotivo-corpórea, o indivíduo desenvolve a expectativa da autoconfiança, enquanto sua negação – expressa em humilhação física e moral, nos maus-tratos e violência sexual, por exemplo – revela experiência de desprezo e violação dessa natureza. No segundo momento, no plano dos direitos, o ser humano vivencia a auto-estima, mas a exclusão desses mesmos direitos ou normas se traduz na perda da autonomia, algo indispensável à vivência no plano social. Por último, na esfera da eticidade, o indivíduo busca consolidar o auto-respeito, porém a violação de sua auto-realização constitui o desprezo social ocasionado por certas escolhas. Essas atitudes não se reduzem ao plano individual, mas a algo que pode sempre ser imputável coletivamente.

A pergunta, então, deve ser retomada de outro modo: que atitudes cognitivas declaradamente delatam a perda da capacidade de apoiar-se num prévio reconhecimento? A atitude não implicada, sem cuidado ou neutra resulta em dois comportamentos típicos, ambos reificados, que constituem as patologias desse modo de pensar.

3. Dois aspectos da reificação: contemplação e indiferença

Ao ampliar o conceito luckacsiano de reificação, Honneth tem em vista compreender os contextos e os hábitos sociais mais comuns circunscritos por ações não estritamente econômicas. Ele centra-se, então, no aspecto referente ao que Lukács compreende como a dimensão da relação com outras pessoas ou das próprias competências e sentimentos. O sujeito aqui adota o papel de um espectador meramente “contemplativo” e “indiferente”. É um expectador neutro que não é afetado psíquica ou existencialmente pelos acontecimentos. *Contemplação* significa a atitude de observação indulgente e passiva; *indiferença* quer dizer que o sujeito não é afetado pelos acontecimentos, pelas circunstâncias. O mundo das relações pessoais e as próprias qualidades individuais são apreendidos com indiferença e de um modo neutro em relação aos afetos, isto é, *como se tivessem as qualidades de coisa*. Essa postura reificante frente a outras pessoas decorre da perda do reconhecimento prévio: ou porque participa de uma práxis social em que a mera observação do outro se converteu em um fim em si mesmo, ou porque permite que seus atos sejam governados por um sistema de convicções (racismo, machismo, fundamentalismo, etc.) que acaba negando o reconhecimento original (HONNETH, 2007, p. 137).

O esquecimento do reconhecimento provoca a “diminuição da atenção”, “a perda do que foi aprendido” e o “endurecimento da postura de conhecimento” (HONNETH, 2007, p. 96-97). A propósito, Honneth aponta para dois casos exemplares de diminuição de atenção. O caso da unilateralidade ou excesso de energia, o qual é exemplificado pelo jogador de futebol que, no afã de buscar a vitória a qualquer preço, perde a capacidade de sentir que o outro é seu colega ou amigo; e, ainda, que esse é o motivo básico do jogo. O outro caso de diminuição de atenção é o da interpretação seletiva dos fatos sociais (HONNETH, 2007, p. 97) por preconceito ou devido à aceitação de um estereótipo. Aqui são fartos os exemplos. Pode-se pensar até no caso do estudante que trabalha um tema tão exaustivamente que não consegue ler, assimilar ou falar de mais nada que não seja especificamente sobre aquele assunto. Ou, como costuma ocorrer, do companheiro que só ouve e registra o que quer de sua companheira, até as formas de racismo e sexismo mais exacerbadas.

O reconhecimento prévio também implica, como já havia advertido Adorno, respeitar nos objetos os aspectos significativos que as pessoas lhes atribuíram. É o mesmo que dizer: reconhecer as outras pessoas implica a um só tempo reconhecer suas representações, seus sentimentos, suas sensações e suas coisas (HONNETH, 2007, p. 103). *Reconhecer outras pessoas significa estar*

implicado em seu mundo (seus sentimentos, seu apego ao cachorrinho, suas leituras, seus autores, suas músicas e seus amigos).

Outra questão que não se consegue contornar ao tratar do tema do reconhecimento: tem sentido falar que os seres humanos adotam uma postura de reconhecimento com relação a si mesmos? Ou melhor: uma relação consigo mesmo puramente cognoscitiva poderia ser considerada reificada? (HONNETH, 2007, p. 109). Duas dificuldades vão servir para comprovar que tal relação pode ser reificada.

4. Reconhecimento de si e auto-reificação

A primeira delas está ilustrada naquilo que Honneth caracteriza como o modelo detetivesco, isto é, o comportamento policial do *olho interior que tudo vê*. Neste caso, aplica-se para a análise de si próprio o mesmo parâmetro de observação e cobrança segundo o qual costumamos nos relacionar com o mundo exterior, objetivo, a saber, o modelo segundo o qual só conhecemos as coisas no mundo quando isto ocorre de maneira neutra (HONNETH, 2007, p. 112). O sujeito é considerado um detetive que possui um conhecimento privilegiado sobre seus desejos e suas sensações, e que os localiza pontualmente e os observa de forma passiva como se fosse outro. Supõe-se que há uma espécie de olho interior, ou então um órgão de conhecimento interno que, do mesmo modo que nossos órgãos sensoriais, permite perceber os objetos, conhecendo nossos estados mentais.

Uma primeira dificuldade surge. Aplicando o argumento da recursividade, tem-se que, se tomamos consciência de nossos estados mentais mediante um ato de percepção dirigida para nosso interior, esse ato também é um estado mental, e aí dever-se-ia recorrer a outro ato superior para poder explicá-lo. A outra dificuldade: nossos desejos e percepções têm uma diversa temporalidade e espacialidade que a dos objetos do conhecimento externo. Deste modo, não se pode entender a relação dos homens e das mulheres consigo mesmos como uma mera apreensão cognitiva de seus estados mentais. Os estados mentais não são rígidos e fixos. Se o fossem, seriam estados de coisas; não seriam certamente estados mentais, menos ainda estados sentimentais ou emocionais.

O segundo modelo é denominado constitucionalista ou construtivista. Em tal caracterização supõe-se que descrevemos nossos estados mentais com a mesma autoridade e certeza que temos quando nos expressamos a respeito de nós mesmos. Produzimos ativamente nossas sensações do mesmo modo que construímos o conhecimento das coisas. Nossos desejos e sensações são produtos de nossa vontade. Os estados mentais são produzidos pela consciência.

Nos dois casos, tem-se um processo de reificação de si mesmo na medida em que o vivido interiormente fica apreendido segundo o padrão dos objetos dados com caráter de coisa (HONNETH, 2007, p. 124). Vivenciamos as sensações e os próprios desejos segundo o padrão de entidades-coisa. Desse modo, a observação e produção dos próprios desejos e sensações só ocorrem quando os sujeitos começam a esquecer que seus desejos e sensações são dignos de ser articulados e apropriados (HONNETH, 2007, p. 126).

5. Atitude reificada e reconhecimento

De outro modo, o comportamento não reificado seria atribuído por Lukács a um sujeito “ativo” e “cooperativo”. Neste caso, os objetos passariam a ser vistos como produtos de um sujeito, e a interação social não se basearia simplesmente nos processos de troca de mercadorias, mas na consideração dos outros como parceiros ativos e não indiferentes. A atitude ativa (e não indiferente) é identificada por Honneth com a categoria de *reconhecimento*.

Vejam, na sequência, dois contra-exemplos do reconhecimento com a intenção de reforçar, ainda que por contraste, a noção de reconhecimento.

O primeiro contra-exemplo é o do indivíduo caracterizado como observador/autista. O reconhecimento aqui se afigura com a forma originária de relação afetiva e de interesse pelo mundo que, no caso do autismo, estaria obstruída de forma radical. O mundo social aparece como uma totalidade de objetos observáveis em que faltariam as motivações e as sensações psíquicas. A mera observação do outro se tornou um fim em si mesmo. Não há consciência engajada socialmente. O reconhecimento, assim, é algo constitutivo das experiências intersubjetivas.

O segundo contra-exemplo é o da reificação/amnésia. Como já foi dito anteriormente, o esquecimento do reconhecimento é uma forma de reificação. O conhecimento dos outros e do mundo se deve a uma forma de reconhecimento anterior. E, caso não tenhamos presente essa espécie de prévia lembrança afetiva, os mundos subjetivo, objetivo e intersubjetivo serão apreendidos com uma sepulcral indiferença e de uma maneira totalmente neutra em relação aos afetos. É um conhecimento totalmente imediato. Sendo assim, as pessoas conduziram suas ações baseadas num conjunto de convicções reificantes, que negam o reconhecimento originário. É o caso dos sentimentos reificados nas formas de racismo, de etnocentrismo e de discriminação feminina; ou ainda o que ocorre de modo mais deformado nas entrevistas de emprego, nos *sites* de busca de parceiros e no mercado pornográfico em geral.

Na linguagem adotada por Honneth, poderíamos dizer que essa postura de *endurecimento* na dimensão epistemológica do problema, ou de *perda do*

que foi aprendido no seu acontecer, é indício de que as pesquisas educacionais estão sofrendo os mesmos efeitos da reificação. Com essa máxima concentração ou *atenção seletiva* direcionada apenas à questão do conhecimento, as pesquisas educacionais negaram ou restringiram o seu foco, esquecendo o reconhecimento da dimensão ontológica do problema. Os mecanismos de apropriação do saber ficaram bloqueados, pois se perdeu a fluência necessária entre elementos opinativos, epistemológicos e ontológicos. Houve, então, um empobrecimento do debate, porque foi perdido o contato com as fontes originárias do pensamento, de onde tudo brota e deveria retornar, bem como com a densidade das ideias que são produzidas em contato com as grandes matrizes teóricas do pensamento.

6. Reconhecer a alteridade do outro nas pesquisas educacionais

A proposta de Honneth vai se inserir neste universo de discussão como *locus* de conversação e quiçá de consenso entre essas pesquisas. Não é algo totalmente novo, e nem é este o seu objetivo, ao reatualizar uma discussão antiga sobre as categorias de reificação e de reconhecimento. Menos ainda significa uma nova forma metodológica de inserção no campo das pesquisas educacionais, embora ela possa trazer repercussões igualmente nesse sentido. Talvez o caminho indicado sirva mais como um vetor ou um horizonte mais alargado de desafio para estas pesquisas, uma vez que sua proposta não se coloca exatamente no plano cognitivo-epistêmico. Em síntese, ela não representa uma abolição de conquistas já consolidadas, mas, de outra maneira, chama a atenção para alguma coisa que não estava sendo suficientemente percebida nas pesquisas em educação. Percebemos, a partir de suas reflexões, a existência de uma instância ainda mais fundamental: subjacente à perspectiva do conhecimento existe uma condição não-epistêmica que pode se orientar pelos motivos dos outros. Sua proposta foge, portanto, da alçada em que tudo é disputado palmo a palmo com outras perspectivas epistemológicas.

A contribuição, neste horizonte, é propedêutica: trata-se de tentar desatrelar a discussão da polarização ou da contraposição entre elementos subjetivos e objetivos, ambos reificados. Tal tentativa poderia alavancar um novo desafio: o de situar o questionamento no plano ontológico, e não simplesmente no nível epistêmico.

O exemplo é dado pelo próprio Honneth. Ao retomar a categoria reificação de Lukács, ele observa: “pareceu-me pouco plausível derivar diretamente da simples atividade da troca de mercadorias uma postura reificante” (HONNETH, 2008, p. 75). Ao que acrescenta conclusivamente: “no entanto, pareceu-me muito mais promissor conceber uma determinada forma de práxis contínua, exercida

rotineiramente, como causa social da reificação” (HONNETH, 2008). Verifica-se, deste modo, a retirada da discussão da reificação do invólucro objetivante – da simples troca mercantil do sistema capitalista – para situá-la no plano da práxis, isto é, da intersubjetividade humana e de suas manifestações nas rotinas diárias do vivido. Ao estabelecer a discussão no plano ontológico, isto é, no plano da diferença – e, portanto, apostando no não apagamento das fronteiras entre coisas e pessoas, como quer a própria reificação –, podemos obter aqui um antídoto à pobreza ou irrelevância das pesquisas em educação no plano teórico, uma vez que saímos das patologias ocasionadas pela contraposição cega entre elementos objetivos ou subjetivos das pesquisas. A presença do diverso passa a ser não apenas a de um sujeito participante do diálogo, e muito menos a de um expectador passivo ou indiferente, mas de alguém com estatuto e capacidade de produzir conhecimento legítimo.

Compreendemos aqui também a crítica de Honneth estendida a toda história do marxismo e da teoria crítica, inclusive a de Habermas, ao que ele chama de “déficit sociológico” dessas teorias, no sentido de que seus conceitos foram sendo formulados “às costas dos sujeitos implicados”. Não que ele negue essas perspectivas, uma vez que seu pensamento pode ser entendido muito mais como continuação da reflexão crítica do marxismo. Porém, a ligação da filosofia da práxis com o elemento existencial o faz perceber novas configurações para tais discussões. Afinal, se precisamos tomar parte do outro existencialmente, vivenciar a sua diferença em plenitude, e não apenas participar de sua ação ou da sua “práxis”, isso quebra pela base com vários procedimentos adotados nas pesquisas educacionais.

O pesquisador, neste patamar de compreensão, não apenas dá voz e vez aos investigados, ou se coloca na sua posição ou na sua situação para daí compreendê-lo melhor e extrair um conhecimento confiável, mas há uma consideração de seu lugar como digno e legítimo de produção do sentido. Assumir a postura de reconhecimento do outro implica, enfim, o reconhecimento de sua alteridade por intermédio da sua vivência em plenitude. Nesse aspecto, a teoria de Honneth vem preencher uma lacuna no acontecer das pesquisas educacionais, pois até poderíamos arriscar a dizer que, sem esse acolhimento prévio do outro, qualquer iniciativa estaria sujeita a recair nas malhas da reificação.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 39-50, jul. 2001.
- DE BRITO, Angela Xavier; LEONARDOS, Ana Cristina. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 7-38, jul. 2001.
- FLICKINGER, Hans-Georg. O ambiente epistemológico da educação ambiental. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 197-207, jul./dez. 1994.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. A gramática moral dos conflitos sociais. Trad. De Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- _____. *Reificación: un estudio en la teoría del reconocimiento*. Buenos Aires: Katz, 2007.
- _____. Observações sobre a reificação. *Civitas*. Revista de Ciências Sociais. Porto Alegre: Edipucrs, v. 8, n. 1, p. 68-79, jan.-abr. 2008.
- _____. Patologias da liberdade individual: o diagnóstico hegeliano de época e o presente. Trad.: Luiz Repa. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 66, p. 53-76, jul. 2003.
- _____. *Sofrimento de indeterminação: uma reatualização da filosofia do direito de Hegel*. Trad.: Rúrion Soares de Melo. São Paulo: Ed. Singular, Esfera Pública, 2007.
- JAMESON, F. *A cultura do dinheiro*. Ensaios sobre globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *As marcas do visível*. São Paulo: Graal, 1995.
- _____. Pós-modernidade e sociedade de consumo. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 12, p. 16-26, jun. 1985.

Reification and recognition: reflections for research in education

Abstract

In this paper we propose to unravel the “prior recognition of the other” as a fundamental non-epistemic condition of the researches in education, avoiding certain problems caused by reification, that is, the attitude of not recognizing the knowledge of otherness. Based on the reflections of Axel Honneth, we observed the existence of a fundamental instance: underlying the perspective of knowledge there is a non-epistemic condition that can be oriented by the motives of others. It is, therefore, a proposal that shuns away from the dispute between different epistemological perspectives and the polarization or counterpoint among subjective and objective elements, both reified. To assume the recognition of the other implies, finally, the recognition of its otherness through its existence in fullness. In this aspect, Honneth’s theory comes to fill a gap in the case of the educational researches, because we could even risk saying that, without this acceptance of the other, any initiative would be subjected to fall into the nets of reification.

Keywords: Reification. Recognition. Axel Honneth. Educational Research.

Réification et reconnaissance : réflexions pour la recherche en éducation

Résumé

Dans cet article, nous proposons révéler la « reconnaissance première de l'Autre » comme une condition non-épistémique fondamentale des recherches en éducation, évitant certains problèmes occasionnés par la réification, c'est-à-dire, l'attitude de ne pas reconnaître le savoir de l'autrui. Nous percevons, à partir des réflexions de Axel Honneth, l'existence d'une instance fondamentale : subjacent à la perspective du savoir il existe une condition non-épistémique qui peut s'orienter par les motifs des autres. Il s'agit d'une proposition qui fuit, pourtant, à la dispute entre différentes perspectives épistémologiques et de la polarisation ou contrepoint entre éléments subjectifs et objectifs, les deux étant réifiés. Assumer la position de reconnaissance de l'autre implique, enfin, la reconnaissance de son altérité par l'intermédiaire d'être vécue pleinement. Selon cet aspect, la théorie de Honneth vient remplir une lacune dans la réalisation des recherches éducationnelles, puisque nous pourrions courir le risque de dire que, sans cet accueil de l'autre, toute initiative serait portée à retomber dans les filets de la réification.

Mots clefs : Réification. Reconnaissance. Axel Honneth. Recherche éducationnelle.

Reificación y reconocimiento: reflexiones para la investigación en educación

Resumen

En este artículo, proponemos desvelar el "reconocimiento previo del otro" como una condición no epistemológica fundamental de las investigaciones en educación, evitando ciertos problemas ocurridos por la reificación, eso es, la actitud de no reconocer el saber de la alteridad. Percibimos, desde reflexiones de Axel Honneth, la existencia de una instancia fundamental: so la perspectiva del conocimiento existe una condición no epistemológica que puede orientarse por los motivos de los otros. Se trata de una propuesta que huye, por lo tanto, de la disputa entre diferentes perspectivas epistemológicas y de la polarización o de la contraposición entre elementos subjetivos y objetivos, ambos reificados. Asumir la postura de reconocimiento del otro implica, por fin, el reconocimiento de su alteridad por intermedio de su convivencia en plenitud. En este aspecto, la teoría de Honneth viene rellenar un hueco en el hecho de las investigaciones educacionales, pues podríamos arriesgar a decir que, sin este acogimiento del otro, cualquier iniciativa estaría sujeta a recaer en las mallas de la reificación.

Palabras clave: Reificación. Reconocimiento. Axel Honneth. Investigación educacional.

Recebido em: 15.02.2010

Aceito em: 17.09.2010